

**Mestre Manequinho da Sumaca, artesão da tradição do remo e do Sapê:
relatos sobre Agroecologia Caiçara**
*Master Manequinho of Sumaca, craftsman of the oar and the sapê tradition: reports
on Caiçara Agroecology*

GODOY, D.¹; GONÇALVES, L.G.D. ²; MARINHO, R. S. ³; MENDES, R.S. ⁴;
SAAVEDRA. E.S. ⁵;

¹ PUC RIO, dafnegodoy1@gmail.com; ² IGEO UFRJ, luizpontogabriel@gmail.com; ³ PUC RIO,
raissamarinhogeo@gmail.com ⁴ ECO UFRJ, rafael.mendes@discente.eco.ufrj.br;
⁵ FAU UFRJ, eduardo.saavedra@fau.ufrj.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Ancestralidade, terra e território

Resumo: Através do projeto de Extensão Raízes e Frutos, vinculado ao Departamento de Geografia da UFRJ, trabalhamos junto às Comunidades Tradicionais Caiçaras da Península da Juatinga, Paraty - RJ. Em 2022 integramos a imersão "Mestre Manequinho da Sumaca, o Artesão do Remo e do Sapê", em uma das praias mais isoladas da região. As oficinas, registradas pelos membros do projeto no formato de vídeos, foram ministradas pelo Mestre Caiçara Manequinho (Manoel Xavier) e sua família, únicos moradores da praia da Sumaca. Ao longo desses dias, realizamos as vivências "Plantando Comida e Colhendo Remo Caiçara", e a oficina "Memória Cultural e Prática Caiçara: Colheita e Benefícios de Espécies Nativas em Unidades de Conservação", onde foram discutidos e praticados saberes ancestrais ligados à feitura da roça, manejo de espécies para a produção dos remos, manejo do sapê preservando a flora e fauna locais e sua utilização na construção dos telhados, expandindo possibilidades de ressignificação da agroecologia como ferramenta de promoção de um turismo de base comunitária.

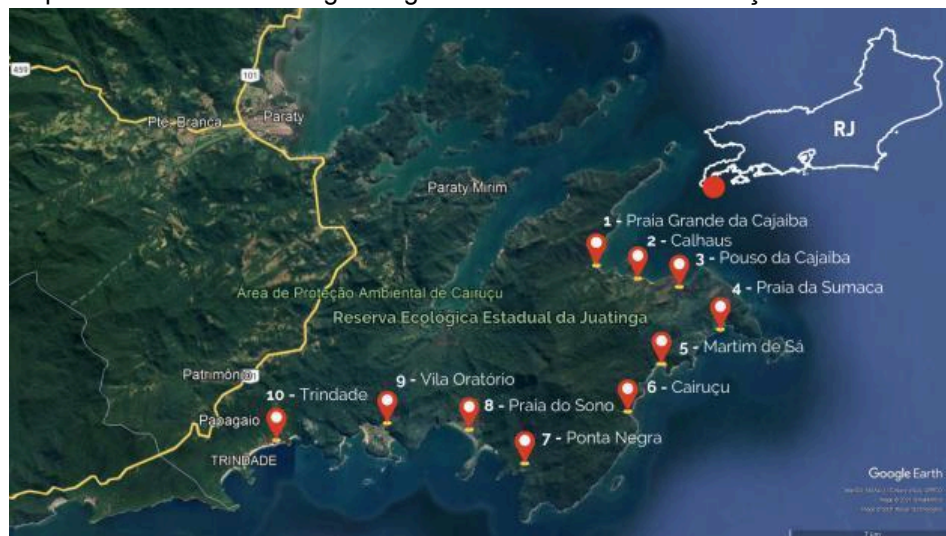
Palavras-Chave: caiçaras, saberes-fazer territorializados, salvaguarda, telhado de sapê, canoa caiçara

Contexto

Abarcada pela sobreposição entre a Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ), gerida pelo INEA, e a Área de Proteção Ambiental Cairuçu (APA Cairuçu), a região da Península da Juatinga é considerada zona rural de Paraty - RJ. Habitada por diversas comunidades Caiçaras, povos tradicionais que se distribuem ao longo da costa brasileira e preservam modos de vida ancestrais, o território é historicamente alvo de conflitos fundiários que permanecem com desdobramentos latentes. Nesse cenário de resistência cultural, os saberes-fazer territorializados compõem patrimônio imaterial, e o que se compreende enquanto agroecologia é, em suma, prática da cosmovisão de vida Caiçara.



Mapa: Península da Juatinga e algumas das comunidades Caiçaras vivenciadas



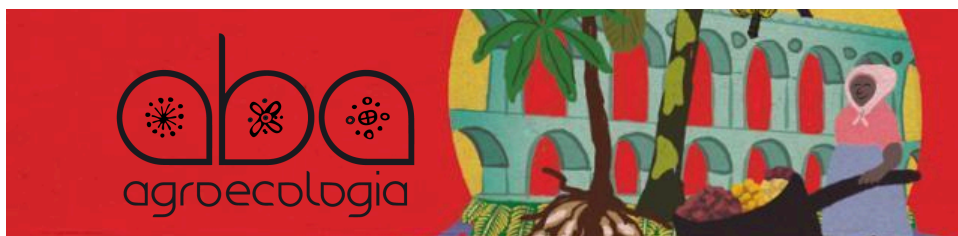
Fonte: Raízes e Frutos, 2023. Imagem-base Satélite *Google Earth*

A relação conjunta entre natureza e ser humano é atravessada pela preservação de técnicas de manejo consciente e saberes empíricos, transmitidos por gerações através da ação fundamentada na memória coletiva. É desse modo que o Mestre Manequinho da Sumaca (Manoel Xavier) vive com sua família, protegendo uma das praias mais isoladas da Península da Juatinga, que guarda exuberante remanescente da Mata Atlântica original. Entre os saberes transmitidos por Manequinho, estão os processos produtivos e construtivos vernaculares, que se utilizam de recursos locais presenteados pela terra, seja coletando nas florestas, colhendo nas plantações ou pescando nos mares. Diante desse contexto, o Projeto de Extensão Raízes e Frutos, vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, constrói alianças com as comunidades Caiçaras da Península da Juatinga há 16 anos. Diversas comunidades locais compõem a história do projeto, que há algumas gerações defendem os territórios tradicionais através de articulações tecnopolíticas¹. A vivência pressupõe que a atuação do projeto se dá a partir das demandas territoriais, às quais o projeto dispõe da extensão acadêmica pela via das trocas de saberes, se distribuindo em fios condutores: da educação diferenciada, da agroecologia, da preservação cultural e da comunicação.

Descrição da Experiência

Ao longo da trajetória do projeto, a vivência e a imersão nas dinâmicas Caiçaras fortalecem as alianças com as lideranças locais. Dentre elas, moradores antigos que protagonizaram importantes mobilizações de décadas passadas, reconhecidas pelo território, assim como vem sendo pela academia, como mestres. A experiência é a essência que estrutura toda a trajetória de atuação do projeto. Por

¹ Articulações tecnopolíticas no sentido de expandir a rede de contatos e articulações, promovendo espaços de trocas que envolvem o conhecimento tradicional, o conhecimento técnico e sua articulação política voltada para a defesa do território e nele, a permanência saudável das populações tradicionais.



se tratar de uma extensão, as dinâmicas culturais tradicionais não são entendidas enquanto objetos de estudo, mas principalmente enquanto oportunidades para troca e construção coletiva, promovendo a Ecologia de Saberes como proposto por Sousa Santos (2007). Nesse cenário, os membros e os oficinairos aprenderam e praticaram os ensinamentos transmitidos por Manequinho, participando de todas as fases descritas a seguir. Nesse momento, compartilhamos a seguinte reflexão, com objetivo de semear um horizonte comum na construção de nosso relato, destacando a importância que as oficinas vêm adquirindo na continuidade ressignificada das práticas tradicionais no período atual, diante do avanço da “modernidade” sobre os territórios.

Já que se pode ter uma casa de alvenaria ao invés de uma de pau a pique, se pode ter um telhado de telhas, ao invés de um de sapê, se pode andar de barco a motor, pra que saber fazer canoa? Muitas das práticas eram baseadas em seu valor de uso, pautadas na necessidade do uso cotidiano. E foram sendo substituídas por alternativas mais fáceis, menos trabalhosas, que demandam menos energia. Nisso mora (...) uma das grandes viradas de chave que o TBC abre margem, uma vez que ele possibilita a incorporação dos saberes-fazeres-territorializados e da trajetória de luta de cada comunidade como um dos elementos fundamentais da atividade turística, articulando renda, território tradicional, atividade turística e resgate da memória, conciliando o antigo e o novo, a tradição e a modernidade, o passado e o presente e desenhando novas possibilidades de futuro. (MARINHO, 2023, p 205)

Portanto, ressaltamos a relevância e as potencialidades que a dimensão da memória acionada para o contexto externo - abordando tanto as trajetórias das memórias de luta e enfrentamentos passados para permanência no território, quanto as memórias dos saberes-fazeres-territorializados organizados no formato de oficinas e vivências voltadas para visitantes externos, desde pesquisadores a turistas - vem desenvolvendo nas comunidades tradicionais, como elementos que permitem simultaneamente a reafirmação do território e a propagação dos enfrentamentos e dos saberes presentes nestes territórios.

Simultaneamente esse processo de ressignificação das práticas tradicionais através do turismo vem se demonstrando também como uma maneira de despertar a curiosidade da própria juventude sobre as memórias de seu território, visto que passam a compreendê-las também como uma possível fonte de renda, já que se vislumbra a possibilidade de trabalhar com turismo de base comunitária a partir da dupla condição da memória dos territórios: memórias de luta dos enfrentamentos passados e seus desdobramentos e memória dos fazeres-saberes-territorializados, que, como afirma Marinho (2023), passam a ser ressignificados, uma vez que acionados não exclusivamente pelo seu valor de uso em si. Essa possibilidade entra em conflito com o típico turismo predatório consolidado na região, uma vez que se concentra no protagonismo dos comunitários, no território e nas memórias ali presentes.

Resultados

Toda a história da relação do projeto com as comunidades caiçaras vem sendo registrada através da fotografia, do cinema e da escrita, compondo um



acervo de memórias extenso e compartilhado ao público através das redes sociais do projeto e da divulgação científica. Esses registros contribuem na defesa, resistência e preservação do território tradicional, sensibilizando e aproximando as pessoas envolvidas pela cultura e causas Caiçaras. Das produções audiovisuais, uma série apresenta os saberes-fazeres territorializados através da história de Mestres Griôs da Península da Juatinga, são os casos dos curtas: Seu Francino - Balaio, Dona Dica - Farinha Caiçara, Seu Altamiro - Arrasto de praia, dentre outros disponíveis no canal do Youtube (@RaizeseFrutos). Diante do avanço da modernidade e dos grandes empreendimentos sobre os territórios tradicionais, especificamente na região conhecida como “Costa Verde”, os curtas, como resultado do acúmulo do projeto no território, vem reafirmando outras relações não só possíveis, como vivas e existentes de relação entre homem e natureza. Diante do estranhamento entre esses elementos, causado pela separação típica da racionalidade ocidental, que não consegue conceber o homem como natureza, as trocas com as comunidades tradicionais são fontes de grandes ensinamentos e reflexão, e as oficinas vêm se demonstrando cada vez mais como possibilidade contínua de ressignificação das práticas tradicionais, de forma a dar sustentação ao desenvolvimento cada vez mais concreto do turismo de base comunitária, como contrapartida ao turismo predatório, tão consolidado na região. Abaixo compartilhamos alguns registros realizados ao longo do encontro relatado.



Foto 1: Mestre Manequinho talhando o remo na madeira Caxeta
Foto 2: Mestre Manequinho e sua casa de farinha em uma caverna no meio da mata
Foto 3: Mestre Manequinho apresentando o saber-fazer do telhado de sapê
Foto 4: Processo de assentamento do sapê na estrutura do telhado



Fonte: Raízes e Frutos, 2022

Nesse sentido, a imersão contou com nossa parceria para filmar todas as oficinas, que foram realizadas por Manequinho e sua família junto ao coletivo Ingá Flecha, composto por antigos membros do projeto, hoje formados, mas que seguem sua atuação no território. Com patrocínio da Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro via Edital Povos e Comunidades Tradicionais Presentes, o lançamento de um produto audiovisual foi elencado enquanto contrapartida. O vídeo foi produzido e divulgado através do canal no YouTube do Raízes e Frutos. Assim, registrar todo processo de resgate, prática e ressignificação dos saberes ancestrais, divulgando a cultura tradicional, fortalece a defesa desses territórios, essenciais à preservação da diversidade dos modos de vida caiçara.

Para além da comunicação enquanto estratégia política de resistência cultural, a vivência em si reverbera mudanças profundas nos participantes. O vídeo tem um papel também de incentivar o turismo de base comunitária (TBC) na Praia da Sumaca, envolvendo as práticas caiçaras. Nesse caso, o que a ciência compreende enquanto agroecologia é a própria prática e exercício da cultura viva e



dinâmica com a terra, através de saberes-fazeres-territorializados transmitidos por gerações. Por isso, esse contato transformador, para além de resultados materiais, revigora as perspectivas e horizontes políticos e ecológicos de transformação social. Por fim, mobiliza e consolida redes em prol da emancipação dos povos Caiçaras, na defesa de suas terras e direitos, amparados pelo decreto 6040 de 2007 via Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT.

Agradecimentos

O Projeto de Extensão “Raízes e Frutos: uma vivência nas Comunidades Caiçaras da Península da Juatinga, Paraty - RJ” agradece primeiramente ao Mestre Manequinho e sua família pela recepção e transmissão de saberes únicos, que tem nossa mais profunda admiração. Agradecemos a todos os membros, orientadores, lideranças, mestres e parceiros. Agradecemos ao Instituto de Geografia e à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por fim, agradecemos ao Governo do Estado do Rio de Janeiro / Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa pelo patrocínio via Edital Povos e Comunidades Tradicionais Presentes/RJ.

Bibliografia

MARINHO, R.S. **A produção capitalista do espaço, os conflitos dela resultantes e as resistências a ela manifestadas: refletindo sobre as experiências vividas pelos habitantes da Praia do Sono.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 258p. 2023.

SOUSA SANTOS, B. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Novos estudos. CEBRAP (79). Nov 2007.